

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. o n.º	N.º à entrega	34.º Anno — XXXIV Volume — N.º 1158	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	650	120	28 de Fevereiro de 1911	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas fidejussórias.....	4\$000	2\$000	650	120		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	650	120		

O Congresso dos Médicos Municipaes



CONGRESSISTAS À SAHIDA DA CAMARA MUNICIPAL — DR. AUGUSTO DE VASCONCELLOS, PRESIDENTE DO CONGRESSO, COM O DR. AMANDIO PAUL

Chronica Occidental

Muito ha quem ainda no Velho Mundo julgue que a americana tem pelo homem aquelle desprezo a que o votam as nossas calçadas e barbudas propagandistas do feminismo, cuja virtude mais apreciavel é de teimarem em não pagar a raça, pois de má raça são. Quanta illusão e quanta toleima, Deus do céu, infinitamente bom Deus!

A americana corre para o homem como os rios correm para o mar. Corre com o mesmo impeto, insofreado e natural. E porque a soberania dos costumes lhe não oppõem os diques e açudes, que o nosso velho convencionalismo engenhou e mantém em rigoroso estado de conservação, nem a corrente se desvia, nem as aguas transbordam, como



VISITA DOS CONGRESSISTAS AO NOVO EDIFICIO DA ESCOLA MEDICA DE LISBOA

(Clichés Benoiel)

tantas vezes succede na Europa...

Em tudo precavida, a americana precavida, sobretudo, na escolha do homem a quem ha-de sacrificar um pouco da sua muita liberdade. Mas, porque não ha coisa com que a mulher mais se engane do que com o homem, assim como não ha, para o homem, coisa com que elle tanto se engane como a mulher, a legitima facilidade do divorcio corrige de prompto a frequencia das falhas. E em nenhuma outra parte do mundo o divorcio tem, como lá, uma exuberante, empolgante razão de ser.

Repudiando a maledicencia d'aquellas que acoimam a americana de leviandade na busca do marido, uma illustre senhora da America dirige, precisamente agora, ao sentimento de solidariedade que existe entre as suas compatriotas, um eloquente apello,

exhortando as mães a prepararem maridos exemplares para as suas nórias do futuro; e justifica a oportunidade d'esta acção pelo manifesto desespero de uma enormissima parcella da população feminina da America, que quer casar-se, que não pensa noutra coisa senão em casar-se, mas que dispõe de bom senso bastante para não tomar por maridos os primeiros rapioqueiros que se lhes apresentem.

Miss Lavinia Hart explana no *Cosmopolitan*, grande revista americana, o programma, digamo-lo assim, que devem seguir as mães de familia intensamente preocupadas em educar seus filhos para aquillo a que as *yankees* chamam com pittoresca convicção, o *marido profissional*.

Em primeiro logar, é necessario que o candidato se apresente com uma saude de ferro — diz Miss Lavinia Hart. E assim se explica:

«O primeiro cuidado d'uma mãe digna d'este nome será o de fazer comprehender a seu filho a influencia da saude na vida conjugal d'um homem. O ideal é uma chimera, quando não assenta na base d'um corpo robusto. Um homem que soffre d'uma dispepsia chronica não pôde ser um bom marido, assim como um rheumatico não tem o bom humor indispensavel a um pae que deve proporcionar bons exemplos aos filhos. A mãe que não revela á creança a necessidade do desenvolvimento fisico e de adquirir, custe o que custar, uma saude de ferro, não cumpre os seus deveres e assume a responsabilidade de todas as desgraças que mais tarde venham a pesar sobre a sua descendencia.»

Sabe-se quanto a saude predispõe para o bom-humôr, e por quanto o bom-humôr entra na somma de felicidade com que sabe levar a vida quem o tem. Mas o bom-humôr não exclue o mau character. Ora, o que o marido profissional não pôde deixar de ter, por modo algum, a par da saude de ferro, é — o character de eleição. Como preparar-lh'o, como dar-lh'o? Tarefa materna é essa, e só materna. A eminente collaboradora do *Cosmopolitan* torna as mães americanas unicas responsáveis pelos defeitos que hão-de vir a ter os filhos:

«A primeira vista parecerá exagerado o dizer-se que a prompta satisfação dos pequeninos caprichos das creanças, como, por exemplo, exigencia de guloseimas ou brinquedos, influe, mais tarde, e decisivamente, na sua felicidade. Pois é tudo quanto ha de mais verdadeiro. Os homens, ainda os mais capazes de se sacrificarem por coisas de importancia, são extraordinariamente egoistas n'essa infimidade de pequeninos nadas que podem fazer do *menage* um inferno ou um paraíso. Os que foram amimados na infancia não tem a consciencia do egoismo que mais tarde os caracteriza.»

Surge, porém, o perigo da adolescencia. Vem a gente seguindo, com crescente interesse, a clara exposição do programma de Miss Hart, e interesse que cada vez mais cresce á medida que ella vae fazendo frente aos pontos mais difficeis da questão, resolvendo-os breve e pondo-os logo de lado para dar logar a outros, quando, ao chegar a vez d'este, pensamos: «Agora é que são ellas!» Mas eis que Miss Hart nem sequer nos dá tempo a duvidar do seu ousado proposito de tudo pôr em pratos limpos:

«Todo o rapaz que aspire a ser o marido ideal tem de não esquecer que ha-de vir tempo em que sacrificaria tudo quanto possuise só para apagar da lembrança a recordação das suas passadas estroinices. E não ignora que o momento mais feliz da sua vida, esse em que desejaria depôr aos pés da sua noiva o universo inteiro, será envenenado pela ideia de que não pôde entregar-se-lhe sem mancha...»

Como se já isto não fôsse claro como a clara agua que borbulha da rocha, o demo da Miss ainda a filtra por dois ou tres circumloquios d'onde sae então, expurgada de todas as impurezas, esta peregrina affirmacão: que o principio da egualdade absoluta dos dois esposos ha-de chegar, pela organisação da sociedade futura (na America do Norte, está claro) ao ponto de não se deixar a um só dos sexos o monopolio da flôr de lanjeira!

E nesta altura, ao mesmo tempo que são exhortadas as mães a não largarem mão sobre os filhos, por todo o tempo que elles se conservem solteiros, do natural ascendente que lhes compete, Miss Lavinia recommenda vivamente aos rapazes que aprendam a resistir ás nefastas tentações mundanas.

Para aquelles que, porventura, julguem pouco ou nada pratico este ponto do programma do concurso para o marido ideal, a atinada collaboradora do *Cosmopolitan* estabelece ainda, não sei se como compensação, esta condição incontroversamente pratica: que o candidato se apresente em condições de poder occorrer, o mais largamente possivel, ás despesas que as exigencias da sua condição social imponham á sua mulher.

Em resumo:

«O marido será a providencia da mulher e comprehenderá que é o responsavel pela sua ventura e pelo seu bem estar material. Dedicar-lhe ha um amor indestructivel, que nunca poderá despertar a menor suspeita de ciúme. Não havendo confiança reciproca e absoluta, a felicidade conjugal desaparece. Nada mais bello do que o amor que tem a consciencia da sua força, nem mais santo do que elle quando inspira uma fé illimitada!»

O numero do *Cosmopolitan* em que vem inserto o optimo artigo de Miss Lavinia Hart teve, seguidamente, quatro ou cinco edições de muitos milhares de exemplares cada uma. Diz o editor a um reporter que não se recorda de facto semelhante acontecido com qualquer outro dos muitos numeros anteriores da sua revista. Ora, o exemplar que eu folhee, e do qual tirei os paragrafos que deixo transcriptos, encontrei-o sobre uma das mezas da sala de leitura do Athletic Club, que é o club onde se juntam os solteiros endinheirados da praça de Chicago. Na altura em que vinha o artigo de Miss Hart, o numero da revista nem sequer tinham sido cortadas as folhas.

Concluo, portanto, e com esta me fico, que a formidavel publicidade dada a esse artigo foi toda promovida pela procura da multidão feminina. Os homens não fizeram caso d'elle.

Queixem-se depois de que as mulheres lhes invadem as profissões, lhes disputam os empregos, e lhes dispensam — o sexo!

JOÃO PRUDENCIO.

O Congresso dos Medicos Municipaes

Reuniu em Lisboa, promovido pela Associação dos Medicos Portuguezes, um congresso de medicos municipaes, cuja primeira sessão se realisou em 16 do corrente, na sede d'aquella associação, e as seguintes nas salas dos Paços do Concelho, que para esse fim foram postas á disposição dos congressistas.

Para dirigir os trabalhos do congresso foi nomeada uma comissão composta dos srs. drs. Augusto de Vasconcellos, presidente, Affonso Maldonado, Caetano de Oliveira, Amandio Paul, Affonso Viana, Severino Sant'Anna Marques, José Maria de Avellar Ganhão e Antonio Mello Ferraz.

Este congresso, seguramente de ha muito reclamado, tanto pelos interesses dos medicos municipaes, como pelos das povoações a que estes tem de prestar os socorros da ciencia, veio evidenciar as percarias circumstancias daquella benemerita classe, assim como as dos serviços de saude na maioria das terras do país, pela falta de recursos dos municipios, tanto ou mais que a falta de illustração para ter em devida conta a utilidade de uma e outra coisa.

Este lamentavel estado impõe, naturalmente, uma reforma radical nos serviços medicos de saude publica por todo o país e, nesse sentido foram apresentados projetos, que, se até certo ponto, não são por enquanto exequiveis por demandarem despesas com que a maior parte dos municipios não podem, e a que as circumstancias do tesouro não podem tambem desde já acorrer, nem por isso devem deixar de ser tomados em consideração como base para uma reforma, que pena é não poder realizar-se de pronto.

Estimariamos extrair as communicações neste sentido feitas ao congresso pelo sr. dr. Freire, mas carecemos de espaço, que preferimos para dar logar ás conclusões do congresso, que são a summa dos seus trabalhos:

1.º — Que os serviços medicos e sanitarios ruraes necessitam absolutamente ser regulados por um diploma especial, independente do Codigo Administrativo actual ou d'outro, que venha a promulgar-se, ficando os profissionais medicos que os desempenham integralmente emancipados das municipalidades e subordinados á acção do Estado por intermedio do ministerio do Interior;

com interferencia precisa dum organismo administrativo e disciplinar em que elles, a Associação dos Medicos Portuguezes — sua Associação de Classe, — a Sociedade das Ciencias Medicas, municipios e o Estado tenham efetiva representação.

2.º — Que, enquanto este diploma legislativo, unico que de facto satisfará as aspirações da classe dos medicos municipaes e suprirá convenientemente ás necessidades reconhecidas na reorganisação imediata dos serviços medicos sanitarios ruraes, não seja promulgado, o Governo Provisorio da Republica considere, pelos processos legais, decretando que seja:

a) suspensa, desde já, a jurisdicção municipal com efeito retroativo para as causas não julgadas em materia de supressão e creação de novos partidos, redução da dotação de medicos municipaes e sub-delegados de saude, suspensão ou demissão de facultativos, ou que se traduzam em deliberações camararias d'onde derive a imposição de penalidades.

b) creada uma comissão official, de que façam parte representantes directos dos medicos municipaes escolhidos por eleição e um delegado da Associação de classe — Associação dos Medicos Portuguezes — a qual comissão intervenha, desde já, em todos os processos de provimento e disciplina de partidos e formule depois de precisos inqueritos, o plano de reorganisação de serviços medicos-sanitarios ruraes, que será submetido aos poderes competentes.

3.º — Que a doutrina, expressa em votos deste Congresso, especialmente referentes a serviços medico municipaes, seja extensiva, na sua parte applicavel aos medicos visados no § unico do artigo 126.º do Codigo Administrativo de 1896.

4.º — Que o recrutamento para os logares de facultativos destinados ao desempenho dos serviços medico sanitarios concelhios será feito, com resalva de direitos adquiridos, por concurso de provas praticas, e estas prestadas perante um jury competente em que tenha representação official um delegado da Associação dos Medicos Portuguezes — sua associação de classe — medico municipal.

5.º — Que o provimento de logares de facultativos para o desempenho de serviços medico-sanitarios concelhios será feito, pelas camaras municipaes, d'entre os que tenham direitos adquiridos por exercicio desses serviços e os que tenham sido apurados pelo recrutamento indicado.

6.º — Que todos os conflitos entre os facultativos e as camaras serão apreciados e resolvidos em primeira instancia por uma comissão de arbitragem, composta de tres membros escolhidos: um pela camara, um pelo interessado e outro de comum acôrdo entre os dois representantes. Em segunda instancia, pelo organismo official, a que se refere o voto n.º 1, e ainda com recurso para o Supremo Tribunal Administrativo.

7.º — Que o Congresso dos Medicos Municipaes reconhece como absolutamente preciso que, desde já, se esclareça a legislação fazendaria vigente, de sorte que fique explicito que os facultativos encarregados dos serviços medicos sanitarios ficam isentos de pagamento de contribuição sumptuaria que incida sobre os meios de transporte necessarios para o exercicio profissional.

8.º — Que todos os serviços periciaes medico-legaes sejam desempenhados por um corpo especial de funcionarios medicos.

9.º — Que, no periodo transitorio, todos os serviços medico-legaes serão retribuidos por uma tabella competentemente elaborada e proposta aos poderes publicos.

10.º — Que sejam abolidas as tabellas camarias e que se consigne a necessidade de organisação de uma tabella minima de honorarios clinicos para cada circumscrição regional.

11.º — Que, sendo eguaes os cargos dos medicos municipaes, torna-se indispensavel uniformisar vencimentos e encargos. A uniformidade destes obtiem-se talhando areas proporcionaes, seguindo os seguintes factores: densidade proporcional, grau de riqueza regional, hospitalisação, qualidade de vias de communicacão e condições climatericas.

Como é preponderante o primeiro factor, servirá de guia a seguinte tabella:

Densidade (habitantes por kilom.)	Area do partido	População do partido
15.....	200 k ^m	3:000
25.....	160 »	4:000
50.....	100 »	5:000
100.....	60 »	6:000
140.....	50 »	7:000
200.....	40 »	8:000
300.....	30 »	9:000

A concorrência dos factores que facilitam ou dificultam a prestação do serviço fará descer ou subir as balizas d'aquella tabela.

12.º — Que os vencimentos compatíveis com a natureza e integral cumprimento das funções sanitarias e de assistencia publica deverão ser:

Aos facultativos municipaes, 800\$000 réis.

Aos sub-delegados de saude, 900\$000 réis.

Aos delegados de saude, 1:000\$000 réis.

13.º — Que as dividas de vencimentos sejam saldadas dentro de um anno.

14.º — Que se organise um cadastro de pobres que teem direito aos socorros de assistencia prestados gratuitamente, em cada partido.

15.º — Que as permutas entre facultativos municipaes sejam permitidas desde que haja acordo entre os interessados, assentimento das camaras e, no caso de falta deste, o parecer favoravel do organismo administrativo a que se refere o voto n.º 1.

16.º — Que, nas vagas dadas nos partidos concelhos, tenham, no seu provimento, preferencia os facultativos dos restantes partidos do concelho, atendendo-se sempre para este efeito á antiguidade de exercicio dentro do concelho.

17.º — Que as licenças annuaes, de 50 dias seguidos ou interpolados com vencimento, constituam um direito, de que os medicos municipaes possam usar quando pretenderem, desde que se façam substituir por um medico legalmente habilitado cuja indicação pertence ao medico substituto e o pagamento á camara, só no caso dos 30 dias seguidos.

18.º — Que o direito de aposentação seja definitivo para todos os medicos municipaes e as pensões de reforma sejam pagas pela caixa geral das aposentações.

19.º — Que o tempo de serviço, para os efeitos de aposentação, seja sempre contado dos medicos municipaes que venham a desempenhar outro cargo em que exista esse direito.

20.º — Que os vencimentos dos medicos municipaes sejam pagos pelas camaras, mas cobrados destas pelo Estado e por este distribuidos mensalmente.

21.º — Que a mais perfeita maneira de combater o curandeirismo será:

1.º Uma perfeita e mais disseminada assistencia medica e conjuntamente o alargamento da beneficencia publica, de maneira a garantirem-se aos doentes pobres os indispensaveis recursos terapeuticos, obstetricos e dieteticos;

2.º Revogação do alvará de 1870, cumprindo-se as disposições doCodigo Penal, não se levando em consideração para a applicação das penas o arrogar-se ou não o titulo de professor ou perito;

3.º Rigor no cumprimento das disposições legais existentes, respeitantes ao exercicio da medicina e da farmacia;

4.º Que se institua ligas regionaes contra o curandeirismo.

22.º — O congresso reconhece a existencia de incompatibilidade entre as funções do medico municipal e o desempenho dos cargos e comissões, mas deixa a incumbencia da definição dessa incompatibilidade ao organismo novo cuja criação propõe o voto n.º 1.

23.º — O congresso, atendendo a que as obrigações e atribuições dos facultativos municipaes até ao presente só em clausulas de contratos, entre as camaras e os medicos, se definem e que por variarem consoante as circunstancias occasionaes podem ser nocivas para os interesses moraes e materiaes da classe dos medicos municipaes, emite o voto de que ás organisações agora propostas no voto n.º 1 sejam distribuidos, além de outras incumbencias, a de fixar para cada partido a prover ás condições do concurso.

24.º — O congresso, reconhecendo as vantagens praticas da separação, no exercicio dos serviços de assistencia medica dos serviços sanitarios, mas ponderando tambem os resultados economicos que uma tal divisão de serviços acarretaria para o Estado e municipalidades, emite o voto de que os governos da Republica, em futuras reformas

da legislação, ora vigente ou que venham a promulgar-se, organisando a assistencia publica, considerem que factores primarios do desenvolvimento progressivo economico do pais são os mecanismos das assistencias medicas e sanitarias.

25.º — O congresso, considerando os interesses moraes e materiaes dos medicos municipaes, consigna um voto á necessidade reconhecida do seu ingresso immediato na Associação de classe, legalmente funcionando, creando-se desta sorte a possibilidade segura da organização proxima dos comités regionaes seus representantes, como processo pratico de conseguir a constituição futura dos sindicatos.

26.º — O congresso, ponderando quanto é imprescindivel no prestigio moral dos medicos municipaes a fruição incontestada dos seus direitos legitimos e cumprimento exacto de deveres que, no exercicio profissional, se originam ou derivam, emite o voto da adoção dum codigo deontologico portuguez.



DR. JOSÉ DIAS FERREIRA

Os congressistas visitaram o edificio da nova Escola Medica, Instituto Bacteriologico, hospitais de Lisboa, o que constituiu bom estudo pratico.

Concluidos os trabalhos no dia 19, houve á noite uma festa na sede da Associação dos Medicos Portuguezes, oferecida aos congressistas, festa congratulatoria pela boa ordem em que tinham corrido os trabalhos do congresso e pelos resultados que havia a esperar desta grande reunião, a que todos tinham concorrido com a sua quota de conhecimentos e experiencia para a solução do momentoso assunto.

DR. JOSÉ DIAS FERREIRA

Em sessão solemne reuniu, em a noite de 22 do corrente, a Associação dos Advogados de Lisboa, para prestar sua devida homenagem á memoria do dr. José Dias Ferreira, que foi lustre da sua classe, jurisconsulto eminente, parlamentar e jornalista de primeira ordem, estadista sem favor, porque a poucos se poderia dar este nome, entre a aluvião delles que, nos ultimos tempos, assim teem sido denominados.

A douta assembleia a que presidiu o sr. dr. Fran-

cisco da Veiga Beirão, secretariado pelos srs. drs. Moraes de Carvalho e Gaspar Monteiro, poudo ouvir naquella sessão solemne o elogio de Dias Ferreira, feito por seu primo o sr. dr. Francisco Dias Ferreira que produziu uma bella biografia do notavel jurisconsulto, que não reproduzimos aqui, por se encontrar em sufficiente resumo nesta revista a pags. 202 e 203 do seu 30.º vol de 1907.

Entretanto, nas linhas com que o illustre conferente desenhou o perfil moral de Dias Ferreira, encontramos periodos que entendemos dever transcrever por acentuarem bem o caracter do homem publico e particular.

Assim, disse o conferente:

«Tinha elle no maior apreço o exercicio da nossa profissão, e era elle tanto da sua feição que até a tecnica da jurisprudencia, elle frequentemente transportava para as conversações particulares, em que lh'a podessem entender.

Poucos annos antes daquelle em que o perdemos, indo eu vê-lo por me terem dito que elle acabava de cair de cama com uma pneumonia dupla, e encontrando-o apenas atacado de gripe, e estranhando que por isso lhe tivessem applicado um vesicatorio, respondeu-me elle: «Tambem me parece, que a sentença foi além do pedido.»

«Como parlamentar, escreveram delle: José Dias Ferreira foi dos mais notaveis que tem havido em Portugal nos ultimos tempos. A sua palavra facil e duma graça anedotica muito especial, com que sempre amenizava os mais variados assuntos, o profundo conhecimento de todos os que versava, a sua longa experiencia da vida publica, e auctoridade que resultava da firmeza do seu caracter e do seu passado politico sem mancha, faziam do illustre homem publico um verdadeiro parlamentar na mais alta acepção da palavra.

Como jornalista (continuum) foi tambem muito distinto, tendo dirigido por muitos annos jornaes seus, ultimamente *O Tempo* em que escreveu artigos verdadeiramente notaveis.»

Trato facil, aberto, cativante, palavra simples, correntia, correta e convincente pelo rigor do raciocinio, brilhava sempre quer falando quer escrevendo, e era efectivamente insigne jornalista.

Mas o brilho do jornalista, do parlamentar e do estadista não amortecia o do jurisconsulto.

Em 1893, estando em Madrid como presidente do conselho de ministros, por ocasião da visita da nossa familia real áquella côrte, a Academia Espanhola de Jurisprudencia convocou uma sessão em homenagem ao afamado jurisconsulto; e este proferiu ali um discurso notavel, que a Academia reproduziu em extrato nas suas actas.

Foi da mais nobre isenção em ponto d'honrarias. Só no ultimo ministerio progressista é que o fizeram par do reino; e sem que elle por qualquer fórma o solicitasse.

E podendo ser conselheiro d'estado, porque el-rei o queria nomear em 1892, recusou aceitar, desculpando-se com o melindre de ter de ser referendado o diploma por um seu colega, no gabinete a que elle presidiu.

A par dos opulentos dotes do seu espirito não pôde esquecer-se a bondade do seu coração revelada na afabilidade do seu trato, no encanto do seu constante bom humor, na dedicação aos seus amigos, e no mais acrisolado amor de familia.

Tendo elle, primogenito, tres irmãos, achando-se já na sua adolescencia em circunstancias de lhes proporcionar a educação, que os parcos haveres de seus paes não facultavam, foi-os elle dedicando aos estudos.»

A' sessão, bastante concorrida das sumidades do fóro, assistiu a familia do falecido representada pelos srs. dr. Augusto Dias Ferreira, Manuel Croft de Moura, D. Amelia Albertina Dias Ferreira de Moura, D. Albertina Dias Ferreira, D. Joanna Trancoso, filhos, genro e netos do notavel estadista.

O Palácio da Bolsa do Porto



GRANDE SALA DE SESSÕES

O Palácio da Bolsa do Porto

Completando o que em o numero anterior desta revista publicámos a respeito deste belo edificio, apresentamos mais algumas gravuras do vestibulo, sala de sessões e Salão de Honra.

O vestibulo é espaçoso, formado por tres grandes arcos de esquadria *rusticada*, que lhe dão entrada, sendo ali as tres portas principaes do edificio, de custosas madeiras entalhadas, tendo a porta do centro relevado o emblema do commercio de bella execução artistica. Esta entrada condiz bem com a sumptuosidade do edificio grandioso e nobre em todas as suas dependencias.

A sala, em que funciona o Tribunal do Comercio é uma das mais grandiosas do edificio, pois mede 19^m,10 de comprimento por 8^m,15 de largura e 15^m,50 de altura até ao anel elliptico vasado no tecto, sobre o qual assentam oito columnas que sustentam a cupula. As paredes são guarnecidas de scariola imitando marmore e o tecto e cupula pintados em ornatos a claro escuro de perfeita illusão.

A sala dos jurados, gabinete do juiz e sala dos solicitadores, são da mesma forma luxuosos de decorações assim como a sala das sessões e outras, todas de ricos estuques e pinturas.

O Salão de Honra, porém, so-

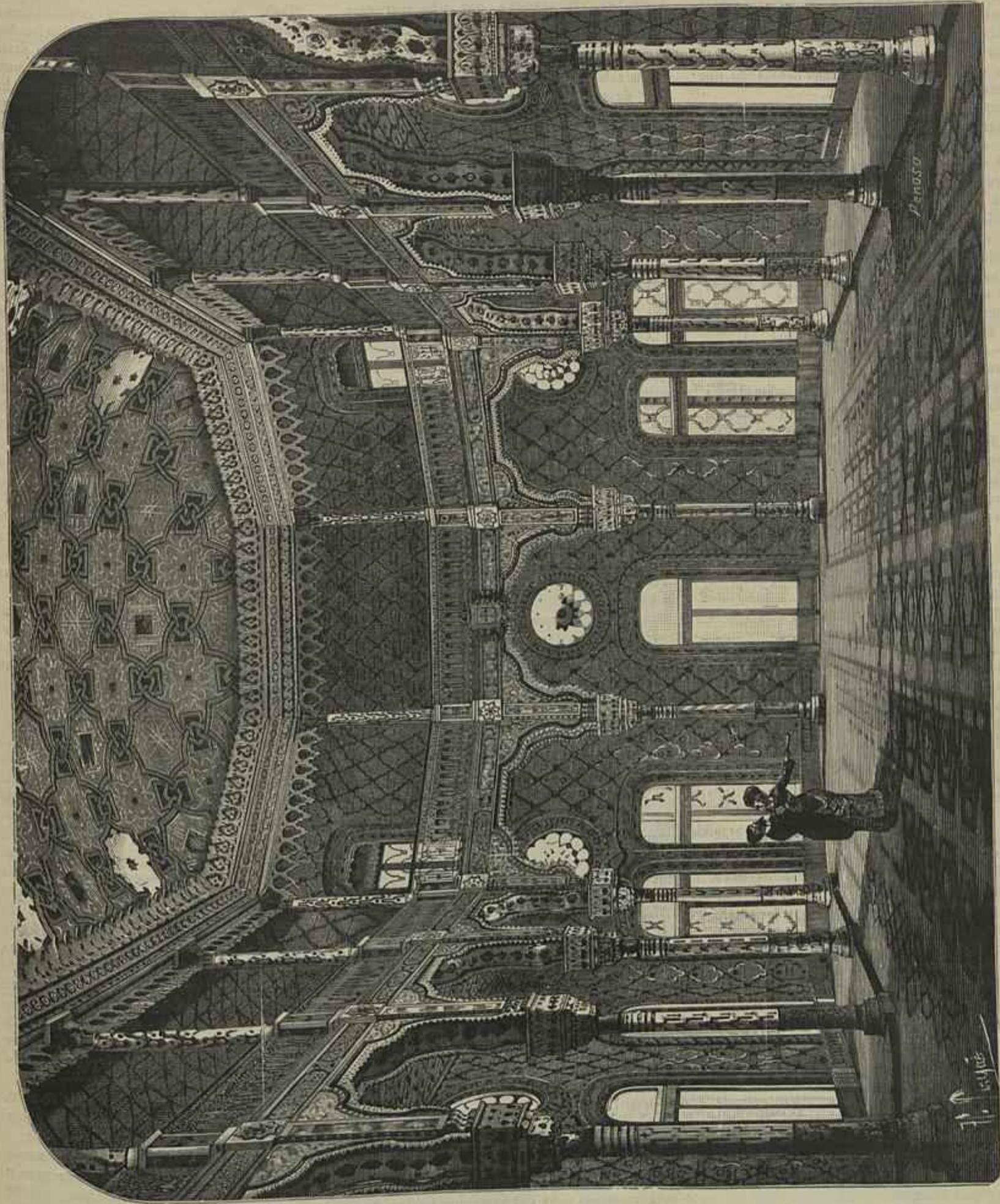


O VESTIBULO — (Clichés Biel)

breveva em opulencia a todas as mais salas do edificio, destacando-se principalmente pelo estilo de sua arquitetura arabe e respectivas decorações.

Este salão foi principiado a construir em 1862 e levou perto de vinte annos até se concluir, tendo sido a obra dirigida pelo engenheiro Gustavo Adolfo Gonçalves e Sousa durante muitos annos, e por fim, concluido sob a direção do arquiteto Thomaz Soller, artista de alto merecimento, que a morte prematuramente roubou á arte e ao país, em 1883.

A grande sala mede 27^m,88 de comprimento por 13^m,67 de largura e 11^m,16 de alto. É formada por uma serie de arcos em volta, sustentados por 16 columnas sobre que se apoiam outras tantas de uma galeria que corre em volta da sala. O centro do pavimento é forrado de xadrez de madeira de Riga em branco e vermelho, e aos lados estende-se um taburno em mosaico de madeiras de côres. O tecto, de fórma convexa, tem cinco lunetas octogonaes, e por cima das janelas quinze lunetas ou rosaceas em vidros de côres. As paredes são todas revestidas de arabescos de estuque dourado e colorido, repetindo-se por entre os arabescos inscrições em caracteres arabes que dizem simultaneamente: *Gloria á nossa rainha D. Maria II— Deus seja em seu auxilio*. No tecto repetem-se tambem inscrições arabes que dizem: *Não ha socorro a es-*



PALACIO DA BOLSA DO PORTO — O SALÃO NOBRE

perar senão de Deus, o Illustré Omnipotente. As ornamentações das columnas e das janelas são de talha dourada e a côres.

Assim se transplantou para o Porto um pedaço da afamada Alhambra, mas só na parte decorativa, pois quanto á arquitetura, a simples vista mostra que não foi respeitado o puro estilo arabe, estando em briga aquelles arcos, janelas, tétos, etc., onde não se encontra nenhuma de suas linhas.

A' parte isto, o aspeto do salão é deslumbrante e mostra o arrojo do empreendimento.



E' sob as palpebras que se esconde a mais poderosa attracção.

A casa submarina

POB

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1157)

— Punhâmos Regnarte na frente — disse elle — e assim poderemos vigial-o. Peter que mande fazer alto, ahi do sitio onde estás. A racha encobre-o, capitão, e com a couraça da metralhadora nos resguardaremos os dois. To-

mâra já que comece a festa, pois tenho os dedos a fazerem-me cocegas.

— Deixa-os fazer — respondi, — o escaler já dobrou a ponta do rochedo e os que veem n'elle não te deixarão as cocegas apoquentar muito. Tu, Peter, quando eu te disser «agora». Se se detiverem, bem irá a coisa, se avançarem, então convida-os a entrar.

Compreendeu perfeitamente o que eu queria dizer, e poz mãos á obra como um valente que era.

Com paciencia e cuidadosamente, tirou a jaqueta, dobra-a com todo o cuidado e pôl-a a seus pés.

Tinha uma carabina na mão e um monte de munições a seu lado, no chão. Abriu a carabina, carregou e esperou.

Eu estava ao pé da metralhadora, coberto pela couraça, mas d'ali observava tudo que se passava no mar.

Impaciência, esperança, temor... tudo esquecera durante os poucos minutos que passaram, enquanto o escalor vogava lentamente.

O silencio era tão grande que quasi se ouvia respirar uma pessoa. Qualquer homem que tenha esperada n'um sitio perigoso, sabe o que significa vêr uma vela estranha avançando para elle, pé ante pé e sem saber se é amiga ou inimiga.

Mas tudo tem o seu termo n'este mundo. Mais uns minutos de anciedade e...

Nunca ouvi musica mais doce do que quando ouvi a voz de Peter Bligh, dizendo:

— Alto ahí, amigos!... Que desejam e qual é a sua bandeira?

Duvido que das sombras da noite tenha sahido alguma vez, uma voz que surpreendesse tanto oito homens!

Voltavam do barco saqueado julgando que a porta se conservava aberta para elles como das outras vezes e que os seus amigos os aguardavam cheios de alegria. Quando já se achavam perto da entrada uma voz os detem e lhe faz uma pergunta que os obriga a voltarem-se todos para o rochedo a deitar repentinamente a mão ás espingardas que estavam ao seu alcance.

Instantaneamente, acusando-lhes a consciencia, exclamaram unisonos:

— Fômos descobertos!... A casa de Czerny está em poder de extranhos!...

Suspenderam os remos e a lancha foi descaindo lentamente com a maré. As trevas eram densas e nada se descobria.

Voltaram tão rapidas para traz como tinham avançado ficando indecisos no que haviam de fazer.

Que resposta haviam de dar ao que lhe tinham perguntado?

Por fim, uma voz roufenha, atravessando o silencio da noite, perguntou:

— E's tu, Bob Williams? Que aconteceu?

— Não é Bob Williams, — respondeu Peter louco de alegria como bom irlandez que era, ante a idéa de que ia começar a peleja. — Não é Bob Williams com quem o diabo já carregou e espera que lhe vás fazer companhia. Escuta lá! Queres ir para a ilha ou preferes nadar um pouco? A agua está boa para refrescares o corpo que deves ter esquentado, e a julgar pela tua cara que não vejo bem, deve-te ser agradável o banho.

Ninguém respondeu a este arrazoado, mas vi-os consultar e discutir uns com os outros. Pouco depois juntou-se-lhe outra lancha e as duas fóram descaindo com a maré, até ao largo.

Chegados ali, aoproaram á porta pequena do recife, e sem dizer palavra, começaram a remar n'aquella direcção.

Este movimento sobresaltou-me bastante, porque me lembrou que podiam forçar a entrada com a gente que traziam nas lanchas e dispoendo de armas bastantes para o fazerem.

Se o fizessem, as partes inferiores da casa seriam tomadas, e então ficavamos irremediavelmente perdidos.

— Dolly! — gritei eu sem me poder conter por mais tempo, vendo o perigo que corriamos. — Vão tomar a casa, e então que será de nós?!

Poz-se de pé repentinamente quando viu que as lanchas se afastavam, depois, emperdigando-se, quiz mostrar-me o seu aprendizado da marinha de guerra, e disse corajosamente:

— Vae vêr, capitão, que não succederá nada d'isso que está a dizer. Veja esta metralhadora collocada aqui de proposito para varrer a porta pequena.

Eu sabia isso perfeitamente mas estava tão fóra de mim n'esta occasião, que nem de tal me lembrei.

A idéa de Czerny fóra sempre defender a casa submarina contra toda a gente. E como o poderia fazer se tivesse aquella entrada livre? A metralhadora montada sobre o rochedo, não só defendia a porta, como, girando em todas as direcções, podia atacar para o mar distribuindo uma chuva de projecteis.

— Vou fazer girar a machina com toda a brevidade! — gritou Dolly alegremente. — Vão direitos ao recife, capitão, já estão na rocha.

Approximei-me d'elle e vi que effectivamente quatro homens saltavam da lancha para o rochedo, o que queria dizer que estavamos perdidos.

— Dispara, homem, dispara! com todos os diabos!...

Dolly estava ao pé do canhão e de repente sentiu-se uma detonação que abafou todos os mais ruidos da noite. Aquelle mar tão pacifico e dormente, parecia despertar para vêr o que até ali não tinha visto succeder na phantastica ilha de Ken.

Era a luva lançada á cara de Edmundo Czerny, e a voz da polvora quem nos servia de mensajera.

Para nós uma questão de vida ou de morte, mas para elle a forca ou o mar.

Haviam já quatro homens junto da porta pequena, quando a metralhadora começou a vomitar projecteis para o lado do mar e dois d'aquelles homens cahiram logo á primeira detonação. Os outros arrastavam-se pelas rochas, agarrando-se febrilmente a cada pedra como se quizessem apagar com ellas o fogo que sentiam queimar-lhe as entranhas. Um outro atirou-se para o chão gritando desesperadamente aos companheiros que o recolhessem, mas antes que estes pudessem levantar a mão ou mover um braço, cahiu sobre elles um diluvio de fogo e de balas, envolvendo-os n'um circulo tal, que os fez calar para sempre.

Como descrever o aspecto d'aquella gente atormentada e surpreendida pelas nossas descargas, que lhes fazia feridas espantosas? O terror delirante com que se atiravam ao mar, os destroços da lancha saltando sobre os seus corpos, a desesperação e o temor quando se convenceram de que a morte era inevitavel e que cahia sobre elles como um turbilhão, são coisas que desejo apagar da memoria e não posso!

O écho das detonações, os gritos de agonia, as maldições, as phrases ameaçadoras, tudo trazia e levava o vento.

E depois, quando sobreveiu o silencio e vi o mar prateado e as chammas que saham do barco incendiado, os bosques onde os pobres naufragos estavam nas ancias da morte, quando vi tudo isto, voltei-me para os meus companheiros e apertando-lhes as mãos com enthusiasmo, disse-lhes:

— Que Deus me perdõe, mas é bem feito!...

XXI

O dedo de Deus

Acabava de amanhecer quando miss Ruth sahio do seu quarto e veiu ter commigo á plataforma, encontrando-me solitario sobre a rocha que nos servia de torre de vigia.

Dolly Venn adormecera profundamente. Quanto a Peter Bligh e o carpinteiro Seth Barker, que tambem sentia desejos de passar pelo somno, mandei-os deitar nas suas camas, visto que para mim era ponto de fé, não haver mais novidade n'aquella noite.

Apezar de extenuado e cheio de somno, era de meu dever fazer o quarto d'alva

Vigiava pois, sósinho, de arma em descanso mas prompto ao primeiro signal, com a vista fixa no horisonte, que já aclarára muito, quando ouvi por detraz de mim uns passos leves e ligeiros, e voltando-me, dei de cara com miss Ruth que apoiára a sua branca mão sobre o meu hombro.

— Não podia dormir, Jasper — me disse com uma entonação de tristeza, — e por isso lhe peço que não se zangue por ter vindo até aqui.

Estava bastante fria a madrugada e fiquei bem satisfeito em vêr que Ruth trazia uma mantilha de lã envolvendo a cabeça (porque será que estas minudencias se fixam tanto na nossa memoria?) além do traje proprio para um sitio tão desabrigado.

Tinha grandes olheiras que mais faziam realçar aquelles olhos, olhos que sabiam olhar como nunca vi outros assim.

Pensei então na casualidade que nos tinha reunido ali, sobre aquella rocha solitaria, e nas poucas palavras que trocamos desde que o meu barco se puzera ás suas ordens ali na ilha.

— Miss Ruth, — respondi — não é para extranhar o que me diz. Não poderemos esquecer esta noite, pois succedem coisas, que julgo ás vezes estar sonhando. E' natural. Ainda não ha dois mezes que me encontrava em Londres, fretando um navio á casa Philips Westbury & Co. Julgava então que estivesse no Pacifico, rodeada de todos os confortos. Via miss Ruth em sua casa, na ilha, ditosa e satisfeita conforme todos nós desejavamos. Não havia gente mais contente do que a que vinha a bordo do nosso barco. «E' um capricho de miss Ruth — diziamos nós — querer que os seus amigos a venham vêr cá tão longe, para lhe repetirem que estão promptos sempre a servi-la.» Pois para que outra coisa poderíamos pensar que nos queria? Creia que aos nossos ouvidos não tinha chegado rumor algum d'esta caverna de assassinos, nem d'esta ilha onde estão morrendo uma porção de homens honrados. Viemos cumprir as suas ordens. A miss Ruth competia dizer-nos se ficariamos ou se nos retiravamos. Não suspeitava da verdade, e ainda ha pouco tempo, essa verdade me pareceu um pesadelo horrivel, d'esses que nos deixam o espirito atormentado quando despertamos.

Ruth aproximou-se um pouco mais de mim, contemplando o mar largo, onde estava a sua liberdade.

Talvez que os seus pensamentos voassem até á bonita cidade de Nice, onde entregara o seu amor ao homem que a atraioara, e onde tinha sonhado, como sonham todas as jovens, com a felicidade que o matrimonio lhe trazia.

— Se não fôsse mais do que isso, Jasper, — respondeu passado um momento, — se fôsse só isso!... Mas infelizmente não é. Lembrese de que estas coisas, teem grande importancia para si, mas para mim ainda mais. Vim da Europa julgando que o céu se abria a meus pés. Como rapariga louca que era, sem perguntar nada, confiava em toda a gente... sim, confiava em todos que diziam amar-me!... Depois, vi então a verdade, a minha desgraça!...

(Continúa.)

RICARDO DE SOUZA.

O MEZ METEOROLOGICO

Janeiro de 1911

Barometro. — Max. altura 775^{mm},8 em 18.Min. > 753^{mm},6 em 13.Termometro. — Max. altura 14^o,4 em 19.Min. > 2^o,0 em 5.

Temperatura baixa todo o mez. Durante vinte dias o thermometro desceu abaixo de 5^o. Ha cincoenta e dois annos que não atravessamos um mez de janeiro tão frio, comquanto tenha havido temperaturas mais baixas.

As medias extremas fôram 10^o,13 (27) e 6^o,05 (15).

Vento dominante — N E.

Nebulosidade. — Céu limpo ou pouco nublado 19 dias.

> Nublado 10 dias.

> Encoberto 2 dias.

Chuva — 32^{mm},3 em 5 dias.

Nevoeiro. — Em 2, 6, 16, 22 e 22.



Auto das Quatro Estações

POR

ANTONIO CORREA D'OLIVEIRA

Carnadas & C.^a, livreria editora. — Lisboa. — 1911

Mais uma obra poetica do autor de *Tentações de Sam Fraz Gil*, de *Ara* e de tantas outras notaveis manifestações de engenho fecundo e de sentimentalidade portugêsa.

Ou elle não tivera nascido junto ás margens encantadoras do Vouga sonhador, n'aquella formosa e saluberrima povoação da Beira Alta, denominada S. Pedro do Sul!

Em o *Auto das Quatro Estações*, canta o poeta com o verdadeiro colorido palpitante de factos autenticos, a vida san e edificadora do agricultor, no seio das terras araveis.

«Semente escura e redonda,
«Na mesma fórma da Terra:
«— Um tudonada de vida
«— E um mundo de vida encerra!»

Deante dos leitores perpassam as quatro estações do anno, com devido caracter apropriado e recordam-se cousas e cenas da infancia, reproduzem-se á nossa vista interna quadros de costumes já presenciados ou em que fômos actor, pen-

samos com o poeta, na Patria, que nos deslumbra e que desejamos sempre autonoma. Seus versos encantam como estes:

Assim andei prégando. Assim vivi.
Ardendo em fé e em intima verdade,
A multidão dos homens converti:

E em paz e amor, em rustica bondade,
Em ar lavado, em arvores e rosas,
— Renasce a Terra em terras da cidade;

E o campo esteril, furnas tenebrosas,
Ameigam-se e fecundam na doçura
De sábias, novas Artes proveitosas...

— O dia succedeu á noite escura;
Abril ao Inverno: E Portugal, agora,
E' um idillio de sol e de verdura.

São as duas irmãs, Céres e Flóra,
Ungindo-o em riso e em luz, como fizeram
Martha e Maria a Jesus Christo, outr'ora.

— Os homens, finalmente, comprehenderam
Que só a Terra é mãe: e ao seu regaço
Em lagrimas constrictas se acolheram:

E a Terra os apertou em verde abraço;
E lhes deu pão, e leite, e mel, e flôres;
Falou em Deus, — mostrando a Luz e o Espaço.

E os homens se tornaram Lavradores:
A cidade é um Jardim; os campos, são
Paraisos de eternos esplendores.

E não ha monte já que não dê Pão;
Nem arvore da porta sem ter ninho;
Nem bocca onde não ria uma canção...

Portugal encontrou o seu caminho
Perdido em loucas tempestades, quando,
— Arando o mar! — buscava o pão e o vinho.

O fero Adamastor, tão misarando,
Por nos falar verdade, merecia
Que de rosas o fossemos coroando:

Rosas pagãs de mistica alegria
De este Jardim Paterno, — despresadas
Pelas barbaras gentes de algum dia!

A Fome? a Sêde? Aguas do mar passadas!
O franco e honesto riso da Abundancia
Espelha se no rôsto das enxadas.

A terra é toda em festas e fragancia:
O Jardim, o Pomar, a Vinha, a Horta,
— Candida graça, o viço em flôr da infancia.

Que importa a nuvem que passou? que importa?
As almas sentem que nos chama a Vida
Quando a morte nos bate á nossa porta...

Vê se a terra da terra renascida:
— A anoitecer fragal, a amanhecêr
De pampanos e rosas revestida!

Outro Vergilio está para nascêr:
— A Terra é bella e feminina: e anceia
Alma em espelho onde se possa vêr...

Novo Camões (e não a Musa alheia!)
Que sonhe outros Lusiadas, — e cante
Nossa verde e pacifica Epopeia:

Não louve o Mar feroz que se alevante
Em morte e arroubo de aguas tormentosas
Rôxas de sangue fervoroso e amante:

— Mas louve, em novas rimas deleitosas
De lirica frescura virginal,
Este Regresso á terra maternal.



O CARNAVAL

Em Lisboa e Porto os estudantes é que fizeram as honras ao Carnaval, um Carnaval engraçado, limpo, cortez, sem brutalidades, coisa, em fim, que muita gente anda a reclamar ha annos, sem grande resultado, diga se a verdade, porque outra gente ha que se obstina em presistir em todas as brutalidades e porcarias do velho Entrudo tradicional, desta cidade de marmore e de granito, que o poeta cantou como «Jardim da Europa á beira mar plantado».

O Carnaval no Porto



A MASCARADA DOS ESTUDANTES — PROJECTO DE BANDEIRA PARA TODOS OS GOSTOS — O ENTERRO DA «FARPA»
— OS PELES VERMELHAS DE INFERNAL MEMORIA — (Clichés Pereira Cardoso)

O Carnaval em Lisboa

Ora um jardim de mimosas flôres com tanta brutalidade e sugidade a brotar dos seus calices, não faz sentido, e dahi a geração nova, a estudantada, procurou encontrar novas formas de folia e espanção carnavalesca, e encontrou-as com as festas, brincadeiras e parodias que nos ultimos annos tem realisado nas escolas, desde a Medica até á Politecnica e liceus.

E é assim que a mocidade, com a alegria propria dos verdes annos, ainda faz viver o velho Carnaval, com a seiva que lhe empresta.

Os estudantes da Escola Medica encheram o espectáculo de uma noite em S. Carlos, com a verve e o espirito de uma revista improvisada á ultima hora que fez rebentar de riso os espectadores.

Os estudantes da Escola Politecnica não lhes fica-



Os estudantes do Porto não ficaram atraz aos de Lisboa, e tambem organisaram um cortejo carnavalesco, em que exhibiram os mais comicos tipos cheios de alusões e de graça que fizeram rir alegre e despreocupadamente aquelle povo ativo e trabalhador.

O cortejo, enorme de peões, cavaleiros e carros enfeitados, percorreu as principaes ruas da cidade, sendo por todas ellas festejado pelo povo e por senhoras que, das janelas, lhe deitavam flôres.

O pretexto do cortejo era o *Eterro da Farpa* que era conduzida sobre tabuas improvisadas em esquife. Seguia tambem um grande pendão allegorico aos projetos da nova bandeira nacional, acomodado a todos os paladares.

Foram estas as notas mais distintas do Carnaval de 1911, em Lisboa e Porto.



A MASCARADA DOS ESTUDANTES — A RAINHA DO CARNAVAL COM A SUA CÔRTE — O BANDO CARNAVALESÇO — N'UMA BARRAÇA DA FEIRA
(Cliché Benoliel)

ram atraz com a sua Feira Franca, armada no pateo da Escola. Havia ali de tudo que fossem divertimentos, desde as conferencias publicas até á *managerie* das fêras com tigres de bigode e pera, a avestruz anan e mais bicharada, o que tudo o publico podia gosar por insignificantes quantias, destinadas a obras uteis.

Um engraçado bando sah'u da Escola e deu volta até á rua D. Pedro V. Era uma numerosa mascarada das mais comicas e burlescas figuras que desafiavam a gargalhada. Truões de feira, musicos excentricos, tudo isto fazia cortejo a um carro, automovel onde ia a rainha da festa com a sua côrte.

De resto, as mascaradas do costume, talvez mais numerosas, mas nem por isso o espirito foi mais abundante, nos bailes e nas ruas, onde aliaz prevaleceram as brincadeiras sujas e brutaeas, que caracterisam, pena é dizel-o, a *rapaçada fina* da cidade.

LYNCE.



COUTO ALFAIATE

Novas installações d'este atalier

Este atelie que por muitos annos esteve na rua do Alecrim, está montado com todos os requisitos modernos, e nortido com as ultimas novidades de Paris e Londres.

RUA DO LORETO

Entrada pela Rua da Emenda, 118, 1.º (á Praça Luiz de Camões) — LISBOA

TELEPHONE 1815



CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Casa de Saude Portugal e Brazil

Estrada de Bemfica (Bairro Heredia)

Recebe doentes de medicina e cirurgia que se podem tratar com medicos de sua escolha e fazer-se acompanhar de pessoas de familia. Secção especial de **doenças nervosas**, dirigida pelo professor EGAS MONIZ.

Teleph. 65 (BEMFICA)

O director gerente: **Dr. Gomes de Amorim**